

94/15

TANIA MARIA GODOI CORREA

**A RELAÇÃO DO AFETO DA CRIANÇA E FAMÍLIA,
NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA**

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a relação do afeto da criança e família, nos primeiros anos de vida. A metodologia utilizada foi a revisão de literatura, com foco em artigos científicos e livros que abordam o tema. Os resultados indicam que o afeto desempenha um papel fundamental no desenvolvimento emocional e social da criança, sendo influenciado pelo ambiente familiar e pelas interações com os cuidadores. A falta de afeto adequado pode levar a problemas de saúde mental e dificuldades de aprendizagem. Portanto, é essencial que os pais e cuidadores ofereçam um ambiente amoroso e seguro para a criança.

CAIXA
04

TANIA MARIA GODOI CORREA

A RELAÇÃO DO AFETO DA CRIANÇA x FAMÍLIA,
NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA.

Monografia apresentada à Es-
cola de Educação da Uni-Rio
para obtenção de grau de li-

cenciatura de Pedagogia

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
RIO DE JANEIRO

1994

AGRADECIMENTOS

A minha família e amigos, pelo apoio nas horas difíceis.

Aos professores que com sua dedicação e trabalho permitiram que a conclusão deste curso fosse possível.

E a Deus pela sua presença real em minha vida.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às crianças que por algum motivo não tiveram um verdadeiro lar; não conhecem o valor do afeto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - As Fases Mais Importantes da Criança	2
1 Antes do Nascimento (Fase Pré-Natal)	2
1.1 O Desenvolvimento Inicial da Criança.....	3
1.2 O Reconhecimento do Objeto.....	3
1.3 A Importância do Afeto na Família.....	4
1.4 Teoria Psicanalítica Freudiana.....	8
1.5 A Importância do Pai nos Primeiros Anos de Vida	11
CAPÍTULO II - Relação Afetiva Mãe-Filho.....	12
2.1 A Importância do Papel do Espelho no Relaciona- mento Mãe-Filho.....	15
2.2 A Ausência da Mãe ou de sua Substituta.....	23
CAPÍTULO III - O Psiquismo Infantil.....	25
3.1 Transtornos de Carência Afetiva.....	26
3.1.1 Privação Afetiva Parcial	26
3.1.2 Carência Total.....	27
3.2 Ameaça e Perda na Infância.....	28
3.3 A Rejeição na Infância	29
Conclusão.....	31
Referência Bibliográfica.....	33

INTRODUÇÃO

Vários trabalhos mostram a importância do relacionamento afetivo no ambiente familiar e acentuam as conseqüências da privação no desenvolvimento psicológico da criança.

A importância da relação afetiva e dos efeitos de sua privação tem sido objeto de estudo por vários psicólogos.

“Os psicólogos concordam sobre a grande importância da família na determinação de nossos traços de personalidade. Os pais e as condições do lar moldam a criança em seus primeiros anos de vida”.

Atualmente a educação tem sido tema de amplos debates e estudos. Unanimemente é dado à família um papel de destaque naquilo que será o alicerce para estrutura da identidade afetiva e social da criança.

Cada vez mais torna-se evidente a importância da natureza dos cuidados proporcionados pelos pais aos filhos durante a sua infância que constitui a base da saúde emocional da criança.

Quero deixar claro não ser minha intenção esgotar um assunto tão extenso e profundo. Mas procurar através de teorias e conhecimentos uma maior compreensão sobre a relação de afeto da criança x família, nos primeiros anos de vida.

CAPÍTULO I - AS FASES MAIS IMPORTANTES DA CRIANÇA:

1. ANTES DO NASCIMENTO (FASE PRÉ-NATAL)

Refere-se ao período anterior ao nascimento da criança. A criança começa a fazer parte da vida da mãe, a partir do momento em que a gravidez for desejada, o contato íntimo entre mãe-filho, nesse período é essencial, como exemplo: A mãe acariciar a barriga, conversar com o bebê, transmitir calor humano, a participação do pai nesse momento é também importância para o relacionamento do bebê.

Nesta fase, sobre o feto, aparecem os fatores:

a) Psicológicos: Que dependem da situação da mãe.

- Uma forte tensão emocional vivida pela mãe durante a gravidez pode criar na criança uma tendência de ansiedade, de angústia.

- Influi também sobre a criança que vai nascer, o fato da mãe estar aceitando ou rejeitando a gravidez.

b) Fisiológicos:

- Hereditariedade (as características dos pais, avós ...)

- Doenças, medicamentos ou desnutrição da mãe durante a gestação.

- Parto: Com a perda do ambiente uterino, a criança entra no ambiente externo, que ela percebe hostil daí um sendo de angústia e até pequeno trauma.

- Fase de 0 a 2 anos: A criança é fortemente concentrada sobre si mesma e as próprias necessidades. O relacionamento acontece por meio da boca, principalmente (fase oral), que se torna o centro das sensações. O relacionamento com a mãe é através da nutrição (seio), é muito importante como primeira experiência emocional, centro das futuras relações afetivas.

1.1 O DESENVOLVIMENTO INICIAL DA CRIANÇA.

Durante os primeiros dias, a criança dorme a maior parte do tempo e, quando acorda, apresenta apenas comportamento reflexo. Guarda uma postura tipicamente fetal com braços e pernas dobradas, sendo capaz de segurar algum objeto colocado entre os seus dedos.

Com um mês o bebê eleva a cabeça quando está de bruço. Segundo mês começa a sorrir, já aos quatro meses é capaz de se sustentar, desde que alguém a segure. Aos seis meses senta-se sozinho.

Aos nove meses coloca-se de pé usando como apoio a grade do berço. Aos dez meses está engatinhando, mas só andarás sozinho em torno dos 13 ou 14 meses.

1.2 O RECONHECIMENTO DO OBJETO.

No enfoque do desenvolvimento cognitivo defendida por Piaget, a criança, por volta dos cinco ou seis meses, é capaz de reconhecer os objetos. A criança vai adquirindo a idéia de permanência de objeto considerando-o como uma entidade que existe independentemente dela, tamanho, forma e cor passam a ter sentido; como resultado, observa-se que o bebê é capaz de reconhecer um objeto que reaparece depois de certo tempo.

A criança começa a poder formar a existência do objeto quando este está fora do seu campo de visão. As capacidades têm seu desenvolvimento completo até cerca de alguns meses após o primeiro ano de vida.

Segundo Piaget, o reconhecimento de um “não - eu” pela criança, ou seja, a noção de objeto (externo) é formado, pouco a pouco, no período que vai desde o nascimento até os 18 meses de idade, num processo em que a criança, antes de reconhecer o objeto como tal, reconhece sua própria reação frente a ele, que havia sido a mesma anteriormente.

1.3 A IMPORTÂNCIA DO AFETO NA FAMÍLIA.

A palavra família popular e nos dicionários significa pessoas aparentadas que vivem em geral na mesma casa. Particularmente o pai, mãe e os filhos. Ou ainda pessoas do mesmo sangue, ascendência, linhagem ou admitidas por adoção.

A família é uma instituição fundamental para o ser humano. É o primeiro grupo social conhecido pela criança. Quando outras instituições começam a moldar o indivíduo em vários aspectos importantes, a família já realizou grande parte da transformação, ensinando-o a desempenhar vários papéis sociais. A tarefa da família é socializar a criança e estimular o desenvolvimento psicológico da criança.

O afeto que liga os pais aos filhos é algo diferente que os liga a outras pessoas. O clima emocional que governa toda a família vai ter uma influência no desenvolvimento da criança.

De acordo com as teorias de desenvolvimento, as raízes de nossa vida emocional encontra-se na infância. Se a criança for educada em um am-

biente de amor e carinho, ela levará consigo essa rica bagagem de afeto. Se desde o berço, ou melhor, desde a sua concepção a criança sentir-se amada, querida, esses sentimentos será parte integrante, inseparável de seu ser.

“As experiências que temos no início de nossa vida têm sido, desde muitos anos consideradas decisivas para o nosso desenvolvimento emocional. Freud, por exemplo, nos fins do século passado afirmou que o desenvolvimento da personalidade é um produto da infância de cada um”.

A criança é um ser em mutação, nunca se sente plenamente segura de si e nem do seu mundo. Ainda não se tornou consciente das imutabilidades das coisas e dos seres sob seus aspectos estáveis, precisa, pois antes de tudo de amor, segurança, estabilidade e afetividade. Pois nada é mais prejudicial do que a incerteza do desenvolvimento da criança.

A primeira adaptação à vida social ocorre no próprio lar, onde a criança aprende a respeitar os pais e os irmãos. Se isto ocorre adequadamente a criança não enfrentará dificuldades ao ingressar no próximo grupo social que será o escolar. Caso contrário, poderá apresentar os primeiros sinais de conduta anti-social na escola.

O amor dos pais e a constância de suas relações preparam o sendo de confiança que Erikson descreve como a fundação sobre a qual a personalidade sadia é construída. Somente quando as crianças tem esse sendo de firmeza é que estão livres para se tornarem criadoras, experimentais e independentes. Quando esse sendo de segurança não é com firmeza desenvolvido nos primeiros anos, a criança torna-se preocupada com o estabelecimento de relações para com seus pais e falta-lhes a segurança essencial em seu mundo que ampare sua autoconfiança e as liberte para a vida independente.

O primeiro grupo que transmite à criança os padrões de comportamento, os valores e as atitudes vigentes é a família.

É a família que inicia a socialização da criança. Além disso, tem o importante papel de criar um clima afetivo entre seus membros. Por isso, apesar de todas as transformações e crises que vem passando, a família ainda ocupa uma posição fundamental no desenvolvimento normal psicológico da criança.

Os maus tratos e a falta de atenção e afeto por parte dos pais à criança podem causar desajustes temporários ou permanentes na personalidade do indivíduo.

Bebês criados em locais pobres de estímulos, sem amor e atenção individual, tendem a ser apáticos, passivos, com pouca iniciativa, podendo apresentar ainda outras perturbações emocionais.

Estudos realizados mostram que quando algumas crianças são transferidas para ambientes estimulantes, onde recebem afeto, elas apresentam vivacidade. De modo semelhante quando os pais estimulam a independência dos filhos e lhes dão liberdade para explorar o ambiente, as crianças tendem a ser mais curiosas e motivadas.

A criança normal para chegar à fase adulta desenvolve-se em três planos paralelos e profundamente entrelaçados: físico, intelectual e afetivo, este último é através de relações afetivas com o ambiente possibilitando o equilíbrio.

Segundo **Françoise Dalton**, o indivíduo, desde antes de seu nascimento, durante sua gestação está marcado pela maneira como o aguardam, pelo que em seguida vai representar enquanto sujeito único, modificado quase sempre pelas projeções de seus pais e familiares sobre eles.

A família é a única instituição social encarregada de transformar um organismo biológico em um ser humano. É por intermédio da socialização que o organismo biológico vai se transformando, já que a socialização é o processo através do qual a pessoa adquire os valores e os conhecimentos de seu grupo e aprende os papéis sociais adequados à posição que ocupa. Conclui-se assim que a continuidade biológica é assegurada pela socialização.

Mussem: “A estrutura básica da personalidade de uma criança é determinada em certa medida pela sua compleição biológica em maior medida pela sua filiação num grupo cultural e sobretudo pelas suas relações íntimas com os outros, particularmente os membros da família”.

A criança é um ser único em cada fase de seu desenvolvimento físico e psicológico. Cada etapa de sua vida é de vital importância para etapa seguinte. A criança evolui naturalmente, o próprio processo de desenvolvimento permite que atinja níveis cada vez maiores de independência, equilíbrio e autoconfiança.

É importante que os pais compreendam o universo infantil e respeitem as fases do desenvolvimento da criança. Do ponto de vista emocional sabemos como é fundamental para criança sentir-se protegida, a receptividade que costuma encontrar no grupo familiar contribui para que adquira segurança em suas primeiras tentativas de ampliar seu horizonte social. Se a criança não sentir o amparo amoroso por parte dos pais pode se tornar desajustada emocionalmente, dificultando assim o vínculo com outras.

A criança está emocionalmente ligada de modo muito estreito a cada um dos pais, qualquer desavenças entre os pais podem causar sérios conflitos em sua personalidade.

1.4 TEORIA PSICANALÍTICA FREUDIANA.

Ao desenvolver a teoria psicanalítica, Freud deu como ponto chave o conflito edípico, e este terá preponderante papel para a compreensão da tríade pai-mãe-filho e a importância da qualidade de suas relações. Até então, a relação da criança como o meio familiar, se não se limita propriamente à mãe, processa-se em grande parte por intermédio da relação com ela. A partir desta época é que a figura paterna ganha importância e adquire sua plena significação.

Resumindo, no complexo de Édipo, o menino deseja possuir a mãe e encontra no pai um rival. Quando descobre que a mãe não possui o pênis sente a angústia de castração, centro da problemática edípica.

Nas fantasias da criança, a castração pode ser aplicada pelo pai ou pela mãe, mas é claro, que ao lado do pai sente-se mais ameaçada. Além disso, paralelamente com os sentimentos positivos, afeição e admiração, existem sentimentos hostis e desejos de morte em relação à figura paterna provocados pela rivalidade em relação à mãe. É o pai que interdita esta relação com a mãe, como aquele que incorpora a autoridade, o poder da lei, mas o falo é também identificado como objeto de desejo materno. Se a criança não conseguir identificar-se com o pai, a mãe continuará a ser fálica para o resto da vida, dando origem a várias patologias.

Na menina, quando está em plena relação simbólica com a mãe, descobre que não tem pênis, abandona então, a mãe e entra no complexo de Édipo, na descrição freudiana este abandono nunca é completo, porque a mulher nunca deixa de "dialogar viscosamente" como objeto primordial, no caso a mãe.

Essa decepção fálica vivida, antes de tudo como uma ferida narcísica que envolve um sentimento de inferioridade no plano físico e genital é que vai impulsionar a menina a se voltar para o pai.

Essa preferência da menina pelo pai não é por este ser homem ou possuir um pênis, mas porque ela pode projetar nele a fantasia de ter um filho; o que a mulher busca no pai é o filho e não o homem.

Freud escreve em 1925, que nas meninas, o complexo de Édipo é uma formação secundária. Os efeitos do complexo de castração precolem-no e a preparam.

No que diz respeito à relação entre o complexo de Édipo e o complexo de castração, uma posição fundamental existe entre os dois sexos.

Enquanto o complexo de Édipo do menino é resolvido pelo complexo de castração, é o complexo das meninas que torna possível e inaugura o complexo de Édipo. Esta contradição explica-se ao levarmos em consideração que o complexo de castração atua no sentido implicado pelo seu conteúdo, ou seja: inibindo e limitando a masculinidade e promovendo a feminilidade.

Para o menino o pai é, desde o início aquele que se opõe ao desejo incestuoso, o interditor cuja a lei não pode ser infligida.

Para menina, ele aparece primeiramente como aquele que pode satisfazer o seu desejo de ter um filho.

Segundo Freud, "Se a satisfação amorosa ao nível do complexo de Édipo deve ocasionar a perda do pênis, então, o interesse narcisista relacionado com essa parte do corpo e o investimento libidinal do objeto parental devem entrar em conflito... O ego da criança desvia-se do complexo de Édipo". Durante esse período, a criança é proibida de satisfazer suas pulsões sexuais.

É este conjunto de proibições que forma no interior da pessoa uma espécie de unidade autônoma, representando os pais a que Freud denominou de superego consciência moral. Nesse sentido, o superego pode ser chamado o herdeiro do complexo de Édipo.

O superego pode mostrar-se mais severo do que os pais reais, em virtude da própria agressividade que a criança projeta sobre eles, a qual é superposta a sua imagem.

No entanto, a interiorização da imagem parental não se faz unicamente em virtude da autoridade do superego. O complexo de Édipo deve ser resolvido pela sublimação da imagem parental interiorizado à qual a criança vai se referir posteriormente quando tiver que adotar para com seu objeto de amor, uma atitude compatível com suas próprias pulsões e imagens psíquicas. Esta imagem parental sublimada representa o ideal do ego. Em suma, o objeto parental contribuirá na formação do superego e do ego ideal.

Freud vê no complexo de Édipo o modo em que o ser humano é confrontado com o grupo no nível da célula mais elementar, a família, segundo ele, o complexo de Édipo tem uma forma universal e representa um dos acontecimentos que estruturam a sociedade.

A teoria freudiana põe em evidência a importância da estrutura familiar na instituição de um sistema simbólico de valores destinado a assegurar a cultura determinada a transmissão das leis fundamentais que regem as relações sociais.

1.5 A IMPORTÂNCIA DO PAI NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA.

Pode ser muito difícil para um pai participar da criação do filho, devido a vários fatores, mas principalmente por estar ausente na maioria das vezes quando a criança está acordada. Vai depender do seu interesse pessoal para estar em contato íntimo com o bebê, e isto é extremamente importante na medida em que o pai enriquece o seu mundo e o do próprio filho.

Muitas vezes o papel do pai nos primeiros anos de vida é apenas secundário ou de menos importância. Mas a presença do pai é tão importante quanto a da mãe, pois ambos geraram a criança e ambos têm influência de peso para sua formação bio-psico-social.

A mãe às vezes procura afastar o pai dos cuidados do bebê por inúmeras razões, geralmente de ordem emocional: ciúmes da presença do pai junto ao filho, competições diversas, etc... É importante que ambos possam viver juntos a emoção das primeiras conquistas juntos ao filho como também estabelecer uma relação afetiva profunda.

As mães podem levar os maridos a ajudarem em pequenas coisas e podem organizar suas tarefas de modo que o bebê seja banhado quando o pai estiver em casa para assistir e até participar, se quiser, mas, mesmo assim, durante os primeiros tempos da infância, a mãe ocupa praticamente toda a afetividade infantil. Nessa época, a ação do pai é muito mais indireta, através do apoio e segurança dados à mãe.

CAPÍTULO II - RELAÇÃO AFETIVA MÃE-FILHO

A primeira relação que o ser humano tem com o mundo, aquela que vai ser a mais importante e que vai imprimir características na formação do caráter da criança, é, sem dúvida alguma, a sua relação com a mãe, seja sua mãe biológica, seja sua mãe substituta. Essa relação inicial é uma relação de laços muito estreitos; através da mãe é que o bebê começa a tomar contato com o mundo e a formar a imagem do mundo e de si próprio.

O relacionamento inicial da criança com a mãe influi muito na estruturação da personalidade da criança, assim como nos seus futuros relacionamentos. As relações mãe-filho são da mais alta importância para a formação e ajustamento de uma criança.

As primeiras interações da mãe com o seu bebê estabelecem os alicerces para o desenvolvimento infantil de um sentimento de confiança ou desconfiança perante o mundo.

Torna-se cada vez mais evidente que a maioria dos problemas emocionais de crianças e adolescentes começa com situações traumáticas de relacionamento no início de vida.

“As primeiras experiências em aprender a viver e amar são duradouras porque estão relacionadas com a sobrevivência” (Ribble).

O toque, as carícias, o embalo, são experiências importantes para o recém-nascido, pois lhe proporcionam grande prazer e contribuem para o estabelecimento de suas relações positivas com a mãe, favorecendo, além disso, o auto-conhecimento.

“O cuidado materno inclui toda série de pequenos atos pelos quais a mãe emocionalmente saudável pode, conscientemente, mostrar seu amor a seu filho, estimulando assim instintivamente reações emocionais da criança” (Ribble).

Nas relações entre mãe-filho, a afetividade vai oferecer à criança uma gama de experiências vitais, e é a atitude afetiva materna que determinará a qualidade dessa experiência.

Os sinais afetivos que a criança recebe da mãe, sua qualidade e constância, a certeza da estabilidade que esses sinais oferecem a criança asseguram o seu desenvolvimento psicológico.

Daí podemos concluir que a afetividade é de grande importância para o desenvolvimento da criança. A dependência afetiva faz com que a mãe resuma por si só todo o problema das relações familiares. Sua personalidade, seu comportamento depende em grande parte do equilíbrio interno do lar, isto é, de suas relações familiares, em particular da que estabelece com o marido.

A ausência ou insuficiência afetiva da mãe representa para a criança verdadeira catástrofe, devido à carência de que ela é vítima.

A mãe é a fonte de segurança, confiança e bem estar, e se essa fonte se mostra insuficiente, a criança se ressentida de maneira intensa.

Para que haja um desenvolvimento emocional normal é necessário que a criança tenha consciência de que é objeto de amor e satisfação para sua mãe, e que esta veja em seu filho o prolongamento de sua personalidade e que exista entre os dois uma verdadeira identificação.

Um dos primeiros estudiosos a perceber a grande importância para o desenvolvimento do bebê da presença e dos cuidados constantes da mãe ou de

sua substituta, foi René Spitz. Ele observou que os bebês criados em instituições, mesmo tendo boa alimentação e cuidados higiênicos adequados, têm menos resistência a enfermidades e o desenvolvimento é mais lento do que os bebês criados com a família, apresentando ainda outros prejuízos irreversíveis em seu desenvolvimento sócio-emocional.

Spitz ressalta que “apesar de ao redor da criança existirem o pai, os irmãos, o seu meio cultural e destes exercerem influência no bebê, as influências maiores se farão através da mãe ou de sua substituta”.

Spitz considera que “há na mãe uma sensibilidade quase mágica com relação a seu filho”. A presença da mãe é um estímulo à criança e suas ações por mais insignificantes que possam ser, constituem um estímulo para a criança.

Durante o primeiro ano de vida a mãe exerce um papel fundamental na percepção, ação e conhecimento do bebê. Os frutos dos cuidados maternos não advêm das horas de atenção por dia, mas sim de prazer que a mãe e filho experimentam na relação, ou seja, quando existe em ambos uma perfeita e contínua identificação. A necessidade da relação é essencial tanto para a criança quanto para mãe. Do mesmo modo que a criança tem que se sentir como objeto de amor e satisfação da mãe, esta também tem que perceber que pertence a seu filho, pois só sentindo satisfação e prazer na relação, a mãe conseguirá integrar-se completamente à tarefa de cuidar de seu filho e transformar a relação plena e constante.

Spitz afirma que todos os constantes e atitudes da mãe para com seu filho, sejam inconscientes ou conscientes, favorecerão no bebê o aparecimento de reações e ações frente ao mundo. As atitudes inconscientes da mãe em relação ao seu filho são aquelas as que facilitam em sua grande maioria as ações da criança.

A relação mãe-filho encontra-se em certo sentido isolada do mundo que os cerca. Está ligada a laços poderosos de afetos que desencadearão todo o processo de desenvolvimento do bebê.

Segundo **Eric Erikson**, a fase da vida em que a criança vai ter experiências que levarão a confiar ou não em sua mãe ou nas outras pessoas é no período do nascimento aos 18 meses, o que corresponde ao estágio oral de **Freud**.

Harry Harlow realizou experiência com dois grupos de macaquinhos, sob diferentes condições. Em um grupo de macaquinhos ele deu uma “mãe” substituta de pano, quente, confortável. A outro grupo uma “mãe” de arame insensível, sem calor humano, áspera. As duas “mães” substitutas forneciam leite.

Os “bebês” macacos quando chegaram à fase adulta da “mãe” de arame tornaram-se incapazes de explorar os objetos estranhos. Já os bebês da “mãe” de pano eram capazes de enfrentar situações desconhecidas e conseguiram dominar o ambiente que os cercava.

2.1 A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DO ESPELHO NO RELACIONAMENTO MÃE-FILHO.

A comunicação humana se realiza em dois “canais”: O verbal e o não verbal.

Por não verbal entendemos as posturas, as expressões faciais, as temperaturas de nosso corpo, o olhar, etc.

Um bebê, a rigor não fala, não emite sons que possam ser compreendidos pelo ambiente como dotados de significados; apesar disso, e por

isso mesmo todos podemos compreender um bebê e saber quando tem sono ou fome, quando tem dor ou quando está alegre ou triste.

O bebê se utiliza da comunicação não verbal para dizer ao mundo as suas necessidades e emoção.

O rosto é a parte do corpo que o bebê mais namora, se o olhar do bebê é aceito, recompensado pelo olhar do adulto amoroso e protetor, ele terá aprendido a olhar, a confiar, a se deixar ir ao encontro do outro.

O bebê ao mamar olha de forma alternativa o seio e o rosto de sua mãe. É o momento em que ele começa a perceber que um pertence ao outro. Seria, então, o começo de uma relação total do objeto.

O seio é o herdeiro do vínculo intra-uterino com a mãe, é o substituto do cordão umbilical. A diferença crucial é a de que o seio é uma forma descontínua e concreta.

O contato físico entre mãe-filho também representa uma experiência gratificante, por isso, a amamentação natural tem grandes vantagens do ponto de vista psicológico, uma vez que se trata de uma situação de contato íntimo e de desenvolvimento profundo entre mãe-filho.

Além do sentido da visão, outros órgãos sensoriais colaboram na evolução psíquica da criança. A pele, por exemplo, é o maior órgão do corpo humano, não é apenas um meio de proteção, é antes de mais nada uma imensa rede de captação de sensações e emoções. Pois está ou não unida ao corpo do outro, enquanto bebê, abraçada, acariciada, é uma lição precoce que a criança pequena levará para sua vida adulta. O senso comum nos ensina que fica difícil dar o que não se tem ou teve.

A criança, através da percepção, passa a distinguir seus contatos

táteis com o mundo produzindo única sensação. Ao passo que o contato entre duas partes de seu corpo, como por exemplo, a mão e a boca, produzem duas sensações concomitantes.

A partir do segundo mês, a criança quando está com fome, é capaz de reagir à percepção da face humana, o que está diretamente associado à necessidade do alimento; tal reação não é constante nem regular em bebês alimentados na mamadeira. Isso ocorre em razão da consequência dos cuidados dispensados à criança, durante os quais ela observa atentamente o rosto da mãe.

A criança amamentada ao seio observa atentamente o semblante materno. Segundo Spitz, é a partir desta observação, quando a percepção tátil do seio e a percepção visual do rosto estão fundidas. Essa continuidade da percepção visual, em detrimento da percepção tátil, tem como consequência a posterior supremacia de percepção visual no ser humano.

Por volta dos três meses de idade, a criança demonstra prazer e desprazer frequentemente. O sorriso é a sua manifestação mais clara de prazer, e, já por volta do quarto mês, a criança é capaz de demonstrar certo desprazer com o afastamento de uma pessoa.

Quando a criança se encontra em estado de tensão como: fome, desconforto, sede, etc..., algo surge que alivia esta tensão e o bebê espera por este algo". Esse objeto primário, é o seio, ou melhor, a função do seio: Aquilo que trará satisfação, só é possível de se constituir a partir da ausência; é através dessa ausência que ele passa a ter existência para a criança.

Da simbiose inicial, onde a mãe e a criança aparecem indissociadas para alimentação, a mãe emergirá gradualmente, como o primeiro objeto do mundo exterior. Sendo fonte de bem-estar, também o é de frustrações. Ao

mesmo tempo que lhe dá o peito, ela o retira. A mãe é, por consequência sua primeira relação com os outros. A atitude da criança diante de outrem é determinada essencialmente pela relação com o primeiro outro que foi sua mãe.

A partir da relação objetal é que vai se desenvolver toda a estrutura da personalidade da criança. O progresso e o desenvolvimento psicológico estão essencialmente calcados no estabelecimento das relações objetais e sociais.

A mãe é uma fonte insubstituível de várias recompensas para a criança. Quase sempre essas recompensas estão associadas à situação que a criança recebe, não só o alimento, mas o carinho, o calor humano, proteção. Isto tudo representa sensação de segurança.

Quando a criança sente fome e chora reagindo ao estado desagradável de tensão, e em seguida ao ser carregada e alimentada pela mãe, seu cheiro, sua voz, sua figura, bem como todos os outros aspectos integrantes da situação de alimentação. A mãe começa a adquirir um valor importante quanto o próprio alimento. Ela passa a significar algo bom e essencial para seu bem-estar. Sua simples presença torna-se fonte de prazer e satisfação.

Quando o bebê é atendido nas suas necessidades como: Alimentação, banho e etc... Se isto é feito com amor, ele, o bebê, terá confiança em sua mãe e isso fará com que ele confie nas outras pessoas que se aproxime dele. As atitudes e a maneira pela qual a mãe alimenta o bebê determina a qualidade de suas afeições mais tarde.

“A relação oral da criança com a mãe na situação de amamentação representa sua primeira experiência de relação amorosa, e é por conseguinte o fundamento sobre o qual se baseiam as suas futuras relações com objetos

de amor. Representa também sua primeira experiência de uma relação social, e por conseguinte forma base de sua atitude subsequente para com a sociedade" (Fairbairn).

A mãe compreensiva ajudará a criança no seu desenvolvimento, contribuindo para que esta passe pelas diversas fases do seu crescimento de uma maneira adequada. As experiências como amamentar, desmame, afastamento, não devem ser simplesmente realizadas de forma mecânica, mas sim de forma que permita à criança passar para outras etapas de seu desenvolvimento.

E a partir da mãe que a criança segue com os olhos, os movimentos de seu rosto e consegue isolar e estabelecer uma gestalt-sinal, ou seja, continue a perceber nos caos que a cerca um elemento que se tornará cada vez mais significativo.

O peito da mãe, suas mãos, seus dedos oferecem à criança todos os estímulos táteis necessários à aprendizagem da prensão e da orientação-tátil. Seu corpo e seus movimentos permitem a criança as experiências necessárias de equilíbrio e sua voz, oferece à criança os estímulos auditivos essenciais para a formação da linguagem.

Na criança, muito mais que no adulto as manifestações afetivas são respondidas também afetivamente, pois durante os três primeiros meses, já que os sistemas sensoriais, perceptuais e discriminatórios ainda não se desenvolvem o suficiente, as experiências da criança limitam ao afeto e à atitude afetiva da mãe será o guia orientador do bebê. Esse comportamento afetivo por parte da mãe será influenciado pelas características do bebê. Assim, dependendo da personalidade da mãe, haverá diferença, se a criança é precoce ou não, sadia ou não. As diferenças individuais entre as mães são infinitas e o número de condutas e respostas de afeto dados por cada mãe também.

Para que a mãe esteja sempre atenta às necessidades do pequeno, é necessário que ele dê os sinais de que precisa dela. Esses sinais são comunicados através das expressões de seu rosto. O choro, o sorriso, o olhar que ambos trocam, é o meio de estabelecer os fortes laços que os tornarão unos. Em torno do primeiro mês o bebê começa a esboçar o sorriso que cativa a mãe. Como já foi dito, o rosto é a parte do corpo que o bebê mais namora, é a soma de suas preferências inatas. Mãe-filho se enamoram através do olhar, este é o primeiro sinal de cumplicidade amorosa entre os dois.

Para Spitz, a criança ao nascer encontra-se em um estado indiferenciado; todos os processos psíquicos como: Pensamento, percepção, etc, aparecerão mais tarde através da maturação e do desenvolvimento do organismo. Logo, ao nascer, não existe na criança a presença de um eu, por consequente não há relações objetais. Estas aparecerão no decorrer do 1º ano de vida, no qual aparecerá também um objeto definitivo da libido.

Segundo Spitz, o desenvolvimento das relações objetais e o estabelecimento do objeto definitivo da libido se dão em 3 estágios: Pré-objetal, precursor e o estágio do objeto propriamente dito.

Spitz, baseado no artigo de Freud (1936) "Os instintos e o seu destino" define o objeto da libido como aquele no qual, ou por meio do qual, se dá a satisfação do instinto. O objeto da libido pode variar no decorrer de nossa vida, e tais variações dependerão da estrutura dos instintos (impulsos) da relação entre as forças dos instintos, etc...

O estágio pré-objetal. É o estágio que coincide mais ou menos com o estágio narcisismo primário. Neste estágio, a criança encontra-se em estado indiferenciado. O bebê não distingue entre si mesmo e o mundo que o rodeia.

Pode-se afirmar que o recém-nascido não percebe o mundo exterior, uma vez que neste período toda a percepção ocorre em função do sistema interceptor, isto é, as respostas dadas pelo bebê são em função da percepção de necessidade que lhe são comunicadas por este sistema.

A partir do 8º dia a criança responde os sinais. Estes são os vindos da sensibilidade profunda, ou melhor, sensações de equilíbrio.

Até o início do segundo mês de vida, o bebê só reconhece o sinal do alimento quando tem fome, ou seja, não conhece o leite por si mesmo e nem o peito materno.

Até o final do segundo mês, a criança já percebe visualmente a aproximação do ser humano, e então se na hora de mamar, aproximar-se um adulto do bebê que está chorando porque tem fome, se acalma e abre a boca ou adianta os lábios, que é a resposta característica da percepção do alimento. Contudo esta reação só se produz quando a criança tem fome. Vê-se então, que a resposta ao estímulo exterior (adulto) só foi dada em função da percepção de um impulso não satisfeito.

Duas ou três semanas depois a criança ao perceber um rosto humano, já o acompanha com atenção concentrada em seus movimentos.

Com base em suas observações, **Spitz** considera que sendo o rosto humano (o da mãe) o estímulo que ele mais verá ao longo dos primeiros meses de vida, ele será o primeiro sinal que se fixará em sua memória.

O estágio do objeto precursor, é aquele em que o interesse do bebê se manifesta, no segundo mês de vida, pelo rosto se estrutura no terceiro mês através de uma resposta particular e específica.

Já que a maturação somática e o desenvolvimento psíquico apre-

sentam algum progresso já pode haver a ativação de resposta física a serviço das experiências da criança, e por isso, a percepção de um rosto humano, a criança dará um sorriso, já que anteriormente havia mostrado um interesse especial por este percepto. É o primeiro sinal de que a criança está saindo de uma passividade para um comportamento mais ativo com o meio.

Ela sempre reagirá com um sorriso quando diante de um rosto de adulto, que, esteja de frente com o rosto em movimento, este pode se dar através de um sorriso, uma oscilação da cabeça, etc... Durante esta fase nenhum outro objeto lhe provocará esta resposta.

Através dos estudos feitos, **Spitz** conclui que a percepção do rosto humano e a resposta do sorriso a ele dada não é uma verdadeira relação objetual. O que a criança percebe não é um companheiro ou uma pessoa, mas sim um sinal, que é constituído por um conjunto de elementos: Frente, olhos, nariz, um todo em movimento, ou seja, uma gestalt. Por esta razão o sorriso não é uma resposta dada só ao rosto da mãe, mas a qualquer pessoa que se posicionar o rosto nas condições requeridas pela gestalt. Por essa razão, **Spitz** chamou este sinal de gestalt-sinal. A criança só reconhece e responde com um sorriso, o rosto que estiver de frente e em movimento, se a pessoa ficar de perfil, o sorriso cessará imediatamente.

Dá **Spitz** ter denominado esta gestalt de objeto precursor, uma vez que a criança só reconhece os atributos superficiais do objeto e não suas qualidades essenciais; qualidades de satisfação, de necessidades, proteção. Essas qualidades essenciais que distinguem o objeto da libido das coisas.

Estas qualidades que possui o objeto da libido permanecem invariáveis, apesar de mudanças ocorridas nos atributos superficiais.

Por ser um sinal a criança sorri tanto a uma máscara quanto a

um rosto humano, porém este sinal como pertence ao rosto humano e está ligado à alimentação e proteção, por isso se desenvolverá posteriormente e se estabelecerá como objeto a pessoa da mãe. **Spitz** chama este aparecimento da resposta do sorriso como relação pré-objetal e o sinal como precursor do objeto de libido.

2.2 A AUSÊNCIA DA MÃE OU DE SUA SUBSTITUTA

A criança ressenha-se quando por qualquer motivo permanece longo tempo, dias ou semanas distante da mãe. Principalmente no primeiro ano de vida.

O assunto fica mais delicado quando a criança vai para o hospital, por exemplo, porque geralmente ela vai estranhar o ambiente, há uma mudança total do ambiente físico e psicológico. Há uma certa angústia e incerteza do que vai acontecer nesse ambiente considerado pela criança como estranho, onde tudo é imprevisível. O que prejudica em um certo grau nos primeiros anos de vida, é o que **Spitz** designou pelo nome de hospitalismo, o internato em instituições (asilos para órfãos). E hospitais onde as crianças levam semanas ou meses longe da mãe ou de quem a substitua, tratadas por várias pessoas que desconhece ou mal conhece. Como por exemplo: As atendentes não têm tempo para suprir as necessidades biológicas elementares como: Alimentação, asseio, etc, do pequenino internado, e nem condição de manter com ele um relacionamento interpessoal significativo, exigência básica para a maturação da criança.

A falta de amor nos primeiros anos de vida exerce efeitos fundamentais. A carência afetiva dá origem a manifestações múltiplas.

A psicanálise está farta de mostrar que é nos ambientes carecedores de amor e compreensão, durante os primeiros anos de vida, que mergulham suas raízes as mais graves dificuldades emocionais dos adolescentes e adultos.

Diversos autores são unânimes em defender que a necessidade de relações objetais é tão básica, que um ser humano pode chegar a morte, como consequência de uma frustração total nesse relacionamento, o que pode ser observado em crianças abandonadas.

Rene Spitz chegou a estudar vários casos de abandono, onde constatou a existência de marasmo e alto índice de mortalidade. Conclui que quando a carência das relações objetais faz impossível a descarga de impulsos agressivos, o lactente volta sua agressão sobre si mesmo.

Dado que durante os três primeiros anos as experiências da criança se limitam ao afeto foram feitos estudos de casos em que a criança nos primeiros anos possuía esse relacionamento afetivo com a mãe, com posterior privação deste por um período longo, porém não superior a seis meses. Nestes casos observou-se um quadro clínico, o qual **Spitz** denominou de depressão analítica devido à semelhança de sintomas de depressão nos adultos, apesar de uma estrutura dinâmica diferente. Apresentam-se como principais características: Falta de atenção, desânimo, aparência de infelicidade.

Constatou-se também que se a mãe fosse restituída à criança, ou se se conseguisse um lar substituto aceitável até no máximo, o sexto mês da separação, o transtorno desapareceria rapidamente.

Conclui-se que a carência de relações objetais causada pela carência afetiva detém o desenvolvimento em todos os setores da personalidade.

Fairbain refere-se a criança fixada na fase oral precoce chega a sentir que a mãe não a ama, nem a valoriza como pessoa, o que sucede nessas

circunstâncias é que a situação traumática original da fase oral precoce se reativa e se reinstala emocionalmente, e a criança sente então que o motivo da aparente falta de amor da mãe para com ela é que ela destruiu o afeto materno e o fez desaparecer. Ao mesmo tempo sente que o motivo da aparente rejeição da mãe em aceitar o seu amor é que seu próprio amor é mau e destrutivo.

Como afirma Spitz “privados do alimento afetivo de que tinham direito, só poderão recorrer ao único caminho que é cair na violência, a destruição de uma ordem social de que são vítimas. De lactentes sem carinho se converterão em adultos cheios de ódios”.

CAPÍTULO III - O PSQUISMO INFANTIL

Nos três meses seguintes, isto é, do 3º ao 6º mês, o bebê tem a finalidade de explorar o ambiente que o cerca, e esta exploração se dá concomitantemente com uma constante interação com a mãe, e não como havia sido até então, em que a passividade do bebê predominava.

Spitz considera este período o mais plástico do desenvolvimento humano, já que os três primeiros meses até o segundo ano de vida o bebê passa por inúmeras transformações que se fazem de modo rápido. Neste período a criança encontra-se em um estado de transição e as experiências sofridas neste época tem uma importância muito maior do que se sofridas em estágios mais avançados, quando a organização da personalidade já está estabelecida.

Outra razão para citada plasticidade do psiquismo infantil é que o recém nascido ainda não tem o ego e segundo a teoria psicanalítica, o ego serve como organizador psicológico.

O ego, através de seus mecanismos, tem como função a defesa e o domínio da personalidade, ou seja, ele governa o modo como são tratados os estímulos precedentes tanto do exterior como do interior do bebê. Mas como ao nascer o bebê não tem ego, ele defende-se dos estímulos através de uma barreira protetora de sua percepção, mas se certos estímulos forem muito violentos podem atravessar uma troca de direções, ou seja, uma reorganização psico-física do bebê. Nestes períodos qualquer traumatismo pode provocar graves conseqüências para o desenvolvimento do bebê.

3.1 TRANSTORNOS DE CARÊNCIA AFETIVA.

3.1.1 *Privação Afetiva Parcial:* Alguns estudiosos observaram que as crianças que após terem tido relações com suas mães viram-se privadas destes contatos apresentam um quadro clínico que Spitz e outros denominam de depressão anaclítica por apresentar semelhanças com a depressão em adultos, embora elas tenham estruturas dinâmicas distintas.

Se a mãe é restituída ou encontra-se uma substituta afetiva para a criança antes que se dê o período crítico que se situa entre os finais do terceiro e quinto mês a depressão desaparece.

As características dessa depressão são as seguintes: No primeiro mês as crianças choram muito, são exigentes e apegam-se a quem tem contato com ela. No segundo mês, os choros passam a ser gritos. Há perda de peso e parada no desenvolvimento. No terceiro mês, as crianças rejeitam contatos. Permanecem em posição patognomômica (elas permanecem grande

parte do tempo deitadas de bruços, com a boca para baixo). Apresentam insônia e contínua diminuição no peso. Tendem a contrair doenças intercorrentes. Há também generalização do atraso motor e rigidez na expressão facial.

Após o terceiro mês há fixação da rigidez do rosto. Os choros são substituídos por estranhos gemidos. O atraso aumenta e transforma-se em letargia.

Para que haja o aparecimento da depressão anaclítica, a criança tem que ter tido anteriormente uma boa relação com a mãe, pois, em caso contrário, o quadro clínico que surge é completamente distinto e será visto no item a seguir.

3.1.2 Carência Total: Quando há carência afetiva total as consequências podem ser muito graves e podendo levar até a morte.

Por carência afetiva total entende-se a ausência da mãe e também de uma substituta aceitável que supra afetivamente as necessidades da criança. A criança carente total pode receber cuidados materiais perfeitos, mas nem mesmo assim desenvolve-se normalmente.

Ao separarem-se das mães, as crianças evoluem dos estados descritos na privação afetiva parcial a estados que leva a morte.

As crianças apresentam atraso motor, passividade total jazendo em suas camas com os rostos vazios de expressão. Tendem, muitas vezes apresentar uma coordenação ocular defeituosa.

Segundo Spitz, a carência afetiva faz com que a descarga de impulsos agressivos seja impossível. Logo, a criança descarregará estes

mesmos impulsos sobre si mesma. E a consequência de tal fato é que ela fica incapacitada de absorver alimentos e apresenta insônia.

Spitz levantou a hipótese de que na criança privada de afeto, ocorre uma separação dos instintos agressivos e libidinal, sendo que o primeiro volta-se para a criança carente e promove a sua deterioração.

3.2 AMEAÇA E PERDA NA INFÂNCIA

Pode ser que as manifestações mais remotas da criança frente à falta de provisões que acarretam uma consciência de sua distância da almejada onipotência sejam de reações observadas na chamada ansiedade dos oito meses. Ocorre que mesmo antes dessa idade o bebê já é capaz de diferenciar o rosto conhecido do rosto estranho, e a criança passa também a apresentar reações de ansiedade frente ao rosto estranho.

Spitz elaborou brilhantemente uma explicação para tais reações; segundo ele: "(...) A hipótese mais plausível nos parece a de que a criança responde à ausência da mãe com desprazer. Ao seguir a autogênese do desprazer, verificamos que entre o terceiro e o sexto mês de vida, a criança manifesta desprazer quando um parceiro adulto a deixa. No estágio da ansiedade dos oito meses a criança já está mais adiantada em todos os aspectos. Quando confrontada a um estranho, sua reação é a de que não se trata de sua mãe. Sua mãe deixou-a"

Para **Spitz**, na ansiedade dos oito meses, a percepção da face do estranho é confrontada com os traços de memória da face materna. A presença da figura materna, provedora para o bebê de suas necessidades básicas, assegura-lhe a crença na sua onipotência.

A ausência da mãe e a presença de estranhos fazem cair por terra o seu "controle mágico" do mundo, inserindo-se neste, no seu campo visual afetivo, um elemento estranho e alheio aos seus desejos, caracterizados pela onipotência e, a esta altura, representada pela figura materna.

É possível que a ansiedade dos oito meses seja a mais remota constatação da criança que vai, futuramente, abalar a crença na sua onipotência, levando-a renunciar em prol da idealizada onipotência dos adultos.

3.3 A REJEIÇÃO NA INFÂNCIA

A dinâmica da personalidade infantil apresenta inevitavelmente conflitos que são inerentes ao próprio desenvolvimento, sendo que estes, muitas vezes passam despercebidos pelos adultos.

Para manter sua auto-estima, a criança depende da certeza do amor dos adultos. Quando perde o amor, perde a sua auto-estima, e a recupera quando obtém suas necessidades de afeto são tamanha que a criança pode, prontamente abrir mão de outras satisfação quando a realização destas ameaçam de perda do amor.

O medo da perda do amor é o que permite impor obediência à criança, e mais, é o que permite educar. Uma criança amada sente-se forte, se abandonada, sente-se fraca e exposta ao perigo. A criança amada teme frequentemente a possibilidade de abandono.

A criança a que falta afeto vê-se impossibilitada de partilhar da onipotência parental, o que lhe provoca a perda da auto-estima, o que implica

em fantasias do tipo: Não tenho o que desejo, sou incapaz de ter o que eles tem.

A perda da auto-estima implica sempre em se considerar indesejada e em desejar cada vez mais o afeto, tornando a criança dele dependente, e o transformando em alvo longínquo e inatingível.

Alguns autores defendem a hipótese de que a criança pode se sentir rejeitada já desde o ventre da mãe. Muitas pessoas trazem talvez uma imagem negativa de si mesmo desde período fetal, a partir de que ouviam impressões negativas de si mesmas, que entrariam na memória auditiva e mais tarde quando adultos fariam o seu auto conceito.

CONCLUSÃO

Neste trabalho procuramos mostrar a importância do afeto no relacionamento mãe-filho e a consequência da privação materna no desenvolvimento psicológico e físico da criança.

A privação sofrida por uma criança dos cuidados da mãe ou de sua substituta adequada pode provocar danos, muitas vezes de longo alcance no desenvolvimento da criança; exercendo um papel comprometedor na vida futura.

A criança vai em seu desenvolvimento assimilando características do ambiente em que vive, vai se desenvolvendo cada vez mais semelhante ao ambiente social em que se insere, embora o desenvolvimento dos elementos sociais adquiridos, em sua formação, ainda não está totalmente esclarecida como se dá tal processo de assimilação, porém sabemos que a privação desses contatos na infância prejudica profundamente a criança, provocando-lhes transtornos, muitas vezes permanentes.

Pesquisas realizadas em sociedades complexas mostraram que a ligação afetiva mãe-filho se dá pela interação contínua entre a criança e a mãe, seja biológica ou não esse relacionamento.

Crianças privadas dessa interação poderão ter uma carência afetiva semelhante às deficiências nutricionais. Essa privação produz graves efeitos no desenvolvimento da criança, e tem alcance de projeção em sua vida.

Se a criança tiver afeto, segurança e interação por parte de um adulto, ela ligar-se-á afetivamente a essa pessoa e possivelmente não sofrerá nenhuma deficiência intelectual ou social.

Da conscientização de todos, de que cuidados maternos durante os primeiros anos de infância constituem fator decisivo para a saúde da mente dependerão das programações para assistência à infância.

As medidas para essa programação só poderão ser eficientemente planejadas se o conhecimento do que em realidade constitui os elementos fundamentais do problema da privação afetiva, aumentar progressivamente.

Torna-se necessário para isso empreendimento de novos estudos e pesquisas sobre o desenvolvimento da personalidade. Sabemos que esse desenvolvimento é resultado da constante interação do organismo em crescimento, com outros seres humanos.

Ao tratar da personalidade infantil, no período de pré-verbal, Spitz se opõe aos psicanalistas que atribuem à criança, logo após o nascimento, uma vida mental complexa na qual os conteúdos de fantasia, os conflitos entre os impulsos opostos, os sentimentos de culpa, as tendências de separação, etc, desempenham um papel.

Entretanto, defende a existência de um estado inicial indiferenciado e do desenvolvimento lento e contínuo das funções, ou seja, de processos fisiológicos que lhes são subjacentes.

Rejeita o conceito de uma relação objetal com a mãe, desde o nascimento. Finalmente ao estudar os distúrbios das primeiras relações entre mãe-filho e suas consequências prejudiciais, descobre a causa das desordens específicas da criança, que são os distúrbios emocionais específicos da mãe.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. ABRASTURY, A. A Criança e seus Jogos, Editora Vozes, Petrópolis, 1972, 25-39.
2. BERNE, Eric. Os Jogos da Vida, Rio de Janeiro, Editora Arte Nova, 1974
3. BRABART, Georges P. Chaves da Psicanálise, 2ª edição, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977
4. ELKIN, Frederick. A Criança e a Sociedade, 1ª edição, Rio de Janeiro, Edições Block, 1968.
5. ERIKSON, Erik H. Infância e Sociedade, 2ª edição, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976
6. FLUGEL, J. C. Psicanálise de La Família, 3ª edição, Rio de Janeiro, Editora Martins Fontes.
7. FREUD, S. Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1973.
8. MANNONI, Maud. A Criança Atrasada e a Mãe, 3ª Edição, Rio de Janeiro, Editora Martins Fontes.
9. MUSSEN, Paul H. O Desenvolvimento Psicológico da Criança, 5ª Edição, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970.
10. MUSSEN, P. H. Conger, J. J. e Kagon, J. S. Desenvolvimento e Personalidade da Criança, 4ª Edição, São Paulo, Harbra, 1977.

11. OSTERRIETH, Paul. A Criança e a Família, Lisboa, Europa, América, Coleção Saber.
12. PIAGET, J. Seis Estudos de Psicologia, Editora Forense, Rio de Janeiro, 1969, 16-23.
13. SPITZ, René A. El Primer Año de Vida Del Niño, 3ª Edição, Madrid, Aguilar, 1966.
14. SPITZ, René A. O Primeiro Ano de Vida: Um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal das relações objetais, 6ª Edição, São Paulo, Editora Martins Fontes, 1991.
15. SPITZ, René A. Desenvolvimento Emocional do Recem-Nascido, Editora Pioneira, 1960.
16. WINNICOTT, D. W. A Criança e o Seu Mundo, 5ª Edição, Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1979.